

OUTUBRO

N.
75

○ RISO ○

Pr
\$2



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO Á VENDA :

Album de Cuspidos, (3ª serie)	1\$000
A Família Beltrão..	1\$500
O Chamisco	1\$500
Entra, Senhor !.. .. .	1\$500
Variações d'Amor.	\$800
Comichões.. ..	\$800
Horas de Recreio	\$600

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um. ..	200 réis
Seis.. ..	1\$000 >
Pelo correio.	1\$500 >

O CHAMISCO ou *O querido das mulheres*
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

ESTA' A' VENDA

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SENHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000



Risa

Semanario artistico e humoristico

NUM. 75

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



CRONQUETA

Quando da ultima vez, e já lá vão oito dias, eu traçava a costumada e estopante *Croniqueta*, chovia p'ra burro! perdão, chovia p'ra gente, que é peor, e chovia até dizer basta!

Hoje, felizmente, não chove; mas, apesar de não chover chuva chovida do céu; muito embora o meu grande amigo Pedroca, o chaveiro-mór das celestias alturas não tenha aberto as torneiras das caixas d'agua lá de cima, não obstante isso, eu sinto que ha uma chuva qualquer, muito diferente da outra... que me faz andar com a cabeça á roda e me faz ver tudo em duplicata... inclusive a sogra, que horror!

Mas, si ventar não venta e zurrar não zurra, quem é então que me empurra?... Ah! lembra-me agora que estou de volta da Penha e que por lá *chovia* vinho verde á vontade, o que fez com que eu apanhasse tambem a minha *mothadela*...

Pois, viva a Penha! e toquemos para a marreta de outros assuntos.

Ora ai está ^{*} ^{*} que deu a partida pregada pelo eclipse, não se dignando aparecer: — não podendo apreciar-o, como esperavam, os astrônomos argentinos e chilenos resolveram não voltar ás respectivas patrias sem verem qualquer coisa que lhes compensasse a decepção porque passaram com o não aparecimento do eclipse, e então, de que se haviam de lembrar? de vizitar alguns aldeamentos de índios, para cujo fim lá foram para os sertões do Espirito Santo.

Agora, quer me parecer que, para apreciar os nossos *bugres*, não se fazia preciso levar os ilustres visitantes áquelas inhospitas regiões: bastava leval-os até a Avenida e mostrar-lhes, por ezemplo, os *chuuffeurs*, os moços que dirijem chalaças ás senhoras, os *cavalheiros* que dão esbarros em toda a gente, quando vão com pressa, a maneira porque são empregados os *casse-têtes* quando é preso um pobre diabo qualquer... enfim, uma infinidade de coisas que os deixariam de bôca aberta. Em ultimo caso, podiam ainda leval-os á casa da professora Daltro, onde, segundo nos consta, tambem os ha; e já não falamos na Camara, onde ha cada bororó...

E' realmente uma tolice ir tão longe para ver *bugres*, quando os ha aqui, em plena cidade!...

Não sei si o ^{*} ^{*} leitor se recorda de haver eu dito aqui, numa das minhas *Croniquetas*, que o nosso Jury é uma grande instituição... Deve recordar-se por certo, pois ainda não ha duas semanas

O PISO

que eu o disse, a proposito do julgamento do dr. Mendes Tavares.

Pois, leitor amigo, mais uma vez acaba de ser plenamente confirmada aquela minha aserção, com o *veredictum* pronunciado pelo Jury a que, pela segunda vez, responderam os implicados no caso das celebres eleições municipaes, em Santa Cruz, e onde *apenasmente* morreram tres cidadãos...

O! o nosso Jury é uma grandissima instituição, não á duvida!

Não vem fóra de propozito falar tambem aqui dessa *encrenca* em que está envolvida a Turquia, e a que, em linguaagem propria, chamam *guerra*.

E' o caso de se dizer que estão a fazer da pobre Turquia uma verdadeira «cabeça de turco.» Até então era a Italia, que — durante um ano e pico — lhe encheu o *pandulho* de *macarrão* misturado com *ameixas* e *balas* não chupaveis...

Agora, mal teve tempo de assinar o tratado de paz, e já se vê grega com a Grecia, a Servia, o Montenegro e a Bulgaria, que lhe estão a fazer *fosquinhas*...

Queira Deus que por causa dessa *brincadeira* não pégue fogo na cangica e não acabem todos quatro levando uma surra mestra!

Muito tem dado que falar a nomeação do novo ministro para o Supremo Tribunal Federal. Ainda o homenzinho não havia, talvez, sido *scientificado* da sua nomeação, e já lhe *esvurmavam* o passado, descobrindo-lhe coisas... e chamando-lhe nomes feios... pelo que não o julgavam digno de occupar o cargo para que fóra nomeado.

Mas, senhores! para que tamanha grita? Para que toda essa campanha pelo fato de se tratar, como afirmam, de um *não preparado*?

Santa injenuidade! Não é isto o fruto da época? Não é de homens do valor do recém-nomeado que s. ex. precisa no mais alto tribunal do paiz?... Pois então, é calar o bico e deixar vir o homem preparar o terreno para uma proxima aposentadoria por *invalididez*... em troca de algum serviço graúdo que venha prestar a quem o nomeou...

E deixa andar; corra o marfim...

Dizem, e isto já foi publicado, que o diretor do Hospício Nacional de Alienados foi autorizado pelo respetivo ministro a adquirir *quatro pianos* para aquele estabelecimento, afim de curar os *doentes* por intermedio da instrução musical, que lhes será ministrada.

A idéa é boa, não ha duvida, e a intenção melhor ainda, mórmente sendo este um dos mais modernos processos adotados para se conseguir a cura dos pobres loucos; entretanto, quer nos parecer que o dr. Juliano Moreira vae se ver doido — salvo seja! — com essa sua lembrança, porque pôde muito bem um dos seus infelizes hospedes matracar o dia inteiro a «Viuva Alegre» ao piano, e então vereis o bonito!

Depois da banda alemã, só mesmo os doidos a tocar piano!

Deiró Junior.



NO PRÉLO

Sahirá esta semana o ALBUM IV SERIE. Magnifica collecção de photographias de uma partida de «bibboquet»; Coisa até então nunca vista.

PREÇO 1\$000 — o — PELO CORREIO 1\$400

Peccado

A Amella

Eu sei que muita gente me censura
Porque busco o carinho no teu seio,
Porque te beijo nesta bocca impura
Que tantas boccas beijam sem receio.

Pouco me importa o censurar alheio!
Hei de sempre beijar-te com tereura;
—Quando te beijo sinto o peito cheio
De uma indizível, lubrica ternura.

Abre-me os braços, pois, minha querida,
Unamos nossos corpos para o goso,
Esquecendo as torturas desta vida!

Seja este Amor por todos condemnado,
Podem todos chamal-o criminoso,
Que eu bemdirei, Amella, csse peccado!

Zé Pancada.



Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone Central 2218

OOOOO RIO DE JANEIRO OOOOO

O Riso

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remetida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso... 200 réis

Nos Estados. . . 300 réis

Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital. 10\$000

Exterior.. . . . 12\$000



ELLA—Dou-me perfeitamente bem á bordo. Ainda a ultima viagem que fiz, fui de uma felicidade extraordinaria, não senti o menor abálo.

ELLE—Pois, eu, minha cara senhora, tenho horror ao paquete só em vel-o, fico enjoado.

Entre patrôas

E' um inferno, minha amiga. Esses criados...

—O governo devia pôr um cobro a isso...

—Esses senadores e deputados não tratam de coisas serias.

—A Ignacia, a minha cozinheira, diz que não faz jantar aos domingos.

Já se viu uma coisa assim!

—Sabes que estou sem cozinheira?

—Despediu-se?

—Sim.

—Porque?

—Tirou a sorte grande.

—Hom'essa! Quanto?

—Duzentos contos?

—Vejam só que grand desafôro!

—Até a sorte grande as criadas tiram.

—Não faltava senão acontecer isso.

—E' verdade.

—Que vae fazer ella?

—Agora disse que vae casar.

—Com quem?

—Com o Manoel, o caixeiro da venda.

—Que desafôro?

—Sabe que ella me disse, ao despedir-se?

—Não.

—Patrôa, vou casar-me e espero que a senhora vá visitar-me no meu palacete, antes de partir para a Europa.

—Que ousadia de preta.

Ha uma pausa e a patrôa da feliz cozinheira continua:

—Que ella tire a sorte grande vá, mas que um rapaz branco...

—Dinheiro apaga tudo. E' bonito?

—E'.

As duas ficaram pensativas, a olhar uma nesga do céo, que se vê atravez das cortinas da janella.

Continuam:

—Esse dinheiro podia bem ser para nós, não acha?

—Saberíamos aproveitá-lo melhor.

—O portuguez naturalmente vae comer-lhe o cobre.

—Certamente.

—E gastará com outras mais bonitas...

—E' fatal.

—Não ha duvida alguma.

—Se não fosse porque...

—Que farias?

—Conseguir tomar o marido.

—Já pensei nisso tambem.

—Era um bella peça.

—E um bom negocio.

Xim.



O seu merito

Frederico de Cajazeiras, logo que chegou aos dezoito annos, achou um bom protector que o fez ananuense de uma repartição qualquer.

Como era morigerado e anemico, o chefe de secção levou-o para casa e arranjou as coisas de modo que a sua filha Irene enamorou-se de Frederico e em breve casou-se com elle.

O pio e casto Frederico levou á imaginação de Irene as perspectivas infinitas do amor.

Necessariamente elle não a satisfez, nem contentou; e na ancia de amar, deu á Irene um *cachet* particular de belleza, um ardor no olhar, uma palpação de physionomia, emfim, um ar ao mesmo tempo de martyrio e esperanza.

E eila era bella. alta, com um oval delicioso de rosto, uns olhos negros, a fuzilarem sob profundas arcadas bem debuxadas pelos sobranceiras negras.



Um bello dia, em casa do pae, o director a viu e cortejou-a. Homem de quarenta annos, cheio de titulos e sub-titulos, não foi difficil e n q u i s t a r Irene.

Amaram-se bastantes annos para que pudesse fazer successivas e escandalosas promoções do marido até chefe de secção.

Quando Frederico chegou a chefe, Irene

viu bem que era preciso o campo dos seus amores para que o marido chegasse a Director.

Metteu-se na politica, e, na politica, arranjou muitos amantes.

Chegou a vaga e Cajazeiras foi nomeado Director.

Logo os engrossadores promoveram-lhe uma manifestação; e o orador disse entre outras coisas que *só ao merito Cajazeiras devia a sua carreira rapida.*

Frederico, commovido respondeu que não tinha merito algum, a não ser de ser manso e ter uma linda mulher.

Irene chorou de emoção.

Oiê.



—O Frontin ainda continua na Central?

—Continua. Porque perguntas?

—Não tem havido desastres...

A teima do Fragoso

(Monologo)

Eu nunca vi sujeito mais teimoso,
Do que um amigo meu: Luiz Fragoso.
Quando o Fragoso teima, não ha nada
Que o demova e, convença que enganada
Se acha a sua memoria, ou que então teima
Alguma coisa errada, ou uma toleina;
Acabando por dar em resultado
Ficar o bom Fragoso envergonhado.

Um dia, em casa do Dr. B. Lopes,
Por artes de berliques e berloques
Alguem lhe fez uma pergunta á toa
Sobre o que reflectira esta pessoa
A respeito d'um caso de grammatica
Que parecia coisa problematica.

Uma menina o *Melro* recitára
Com uns arroubos d'alma (e, isto lembrára
Ao interlocutor do bom Fragoso
Por ter achado o caso duvidoso.)
Se o feminino de melro seria
Melroa ou melra, ou si não haveria
Um qualquer feminino desconexo.
Nosso Fragoso riu-se, achou sem nexo
A pergunta que ouvira e, sem pensar,
Começou a querer ou outro ensinar.

Melro-melra, explicava n'um tom grave
A mudança de genero da ave.
Mas, um velho, que fóra da Marinha
E, que alguns bons conhecimentos tinha,
Ouviu toda a conversa e, quiz mostrar
Ao Fragoso que estava a *cochillar*.

—O cavalheiro deve estar confuso.
Disse o velho n'um tom de voz diffuso,
—Pois se melro se diz no masculino
Melroa deve fazer no feminino...

—Pois não é não senhor! disse Fragoso
E, foi logo ficando assim nervoso,
Até que lhe passou a mão na *guelra*
E gritou:
—Não, *melroa* é uma *melra*!

Gyl Maia.



ACHA-SE A' VENDA

Entra, Sinhór...

Preço 1\$500)o(Pelo Correio 2\$000

Pedidos a A. REIS & C^a—Rosario-99

O PISO



Na proxima semana

A VENDA O
ALBUM IV SERIE

PREÇO : 1\$000

PELO CORREIO : 1\$500

Pedidos a A. Reis & C.—Rosario, 99

O Riso

PANTHEON DOS

«IMMORRIVEIS»...



que se nos apresentam candidatos ao Pantheon...

Queiram os leitores apreciar as produções dos tres vates que se seguem e avaliar-lhes os respectivos talentos...

A inveja

Que vale ser invejoso
Neste mundo de miséria?
Ter inveja, oh! que piléria!
E' ser sujeito maldoso.

A inveja no meu pensar
E' a filha da ambição,
Por isso é que um cidadão
Não deverá nunca invejar!

Quem inveja nesta vida
Passa a mesma aborrecida
E quasi que não se apruma.

Eu digo aqui sem receio,
Nunca cubissei o alheio,
Não invejo coisa alguma.»

ALVARO SCARES

Acha você então, *seu* Alvaro, que um cidadão não deve invejar nada nesta vida, hein? Pois olhe, nós discordamos por completo do seu modo de pensar, e achamos que, apesar de «não invejar coisa alguma», você devia ao menos invejar uma coisa, sabe o que?—devia ter inveja e muita, dos que *sabem escrever* e não são *quadrados* como você mostra ser...

Ora... *sebo* para a sua *capacidade*, *seu* Alvaro!

Segue-se agora o *Immorrivel* nº 2, merecedor também de uma *consagração* em regra...

Conquista de azar!

Ella passava pelo Viaducto
Do Chá, toda no *chic* e seductora.
Ao ver aquella dama tentadora
Scisnei de descobrir o seu *reducto*...

E segui, sem perda de um minuto
Essa *huri*, com ares de senhora...
Cuja feição, talvez enganadora,
Era *bonita* mesmo em absoluto!

Vendo ella que eu a acompanhava,
Sim, ao ver que alguém atraz lhe vinha...
O seu passo *mignon* mais apertava.

Em casa chega enfim; e enquanto á *zinha*
Uma cantata em *si* eu preparava,
Ella na cara parte-me a sombrinha!

O. P.

S. Paulo.

E foi muito bem merecida a lambada que ella lhe deu, *seu* O. P.; e foi merecida porque você deu prova de ser um atrevidão muito grande, indo-lhe atraz... (salvo seja!) e pretendendo passar-lhe a tal cantata a que você se refere...

Si você, em vez de fazer essa figura triste se atirasse do Viaducto abaixo, teria feito melhor, porque podia ter *quebrado* os pés e assim estaria agora fazendo *pendant* com os pés quebrados do seu soneto...

E só por isso, *seu* camarada, você figura hoje neste *Cenáculo*...

Vamos afinal fechar, por hoje, a *porteira* do «Pantheon», não sem apresentar aos leitores mais um *Immorrivel* cujo *trabalho* se segue:

Façam-lhe a devida justiça:

Cantares

(Ao meu amigo Zezé)

Viola minha querida,
Quando vibro as tuas cordas
Quanta endeixa dolorida
Tu do teu seio transbordas!

E's a minha companheira
Pelas noites luarentas;
Amiga fiel verdadeira
Que as maguas acalenta.

Quando o meu peito opprimido
Eu sinto por negra dor,
E' contigo, commovido,
Que eu descanto o meu amor.

Sem ti como vivo triste
Como é duro o meu penar!
Junto de ti quem resiste
Ao doce e meigo trinar!

Por isso, minha viola
Querida do coração,
Irás mesmo como esmola
Junto a mim, no meu caixão.»

J. C. BANDEIRA.

Sim senhor, *seu* Bandeira! você tem *talento* p'ra burro, não ha que ver!... O seu amigo amigo *Zeze*, quando ler essas *bestices* que você teve o topéte de escrever e lhe dedicar, tem com certeza uma *syncópe* e acaba morrendo, sem duvida!

O que você precisava, *seu* Bandeira, é que alguém pegasse da sua viola e lhe abrisse a cabeça com ella, para você tomar vergonha, ouviu!

Arre! que é burro!

O Piso

Maison Moderne



Mme. X—Trio Lyola

Na botica

Numa villa do interior, á tarde, sentados á porta da pharmacia do Bentes, o professor Pelino centralisava uma palestra instructiva e substancial.

Além de Pelino e o boticario, estavam no estabelecimento o cap. Gomes o tenente Fagundes, collector, e o hespanhol Romanez, vendeiro abastado do lugar.

Pelino, que tinha uma sabedoria bem encyclopedica, á almanaque, disse:

—Gomes, fumas muito... Isto faz mal á memoria.

—E' verdade, confirmou o boticario; o fumo prejudica extremamente a memoria. Causa amnesis.

—Não acredito, fez o collector; ha grandes sabios que fumam muito.

—Teriam elles boa memoria? indagou Pelino.

—Certamente. Senão não seriam sabios...

O boticario objectou:

—Se não fumassem, teriam memoria melhor.

—Qual! Não acredito! disse o collector. Ha trinta annos que fumo e não ha

meio de esquecer-me do mais insignificante facto. Sei todos os papeis da repartição de cór.

O agente do correio que chegara momentos antes, emendou:

—Fumo que nem turco e sei o endereço de todos os moradores da comarca.

O capitão Gomes que se mantivera calado, adiantou:

—Fumo regularmente, e me recordo de toda a minha infancia.

Romanez, que não se havia immiscuido na conversa, entrou por essa occasião dizendo:

—Caarriba! Mira usted, hombre! Eu fumo desde *niño* e me lembro de tudo. Lembro-me até que, quando nasci, a parreira disse á minha mãe: *mira usted; tienes um bello niño, cararriba!*



Hum.

O Piso

O curandeiro

O dr. Corneille, formado pela Escola de Medicina de Paris, além de profundo philosopho, era um grande medico mesmo. Baseado na doutrina philosophica dos seus queridos mestres Aristoteles, Platão e Archimedes, elle comprehendia perfeitamente a vida.

Era demasiadamente fatalista como Epicuro, mas não se entregava como este, exclusivamente, aos prazeres do mundo. Trabalhava até muito, porque não se contentava só com os seus affazeres profissionais. Leccionava tambem, tinha discipulos; e, ás vezes, recebia solicitações da imprensa, escrevendo para ella artigos scientificos e literarios.

Comquanto fosse um medico de valor, estudioso, dedicado, caprichoso e humanitario, a sua clientela era limitadissima. Apesar de todo o seu esforço, amparado sempre pela doçura de sua força de vontade, e da solicitude carinhosa que empregava quando tratava qualquer enfermo, o illustre medico não gosava de fama no bairro onde instalara o seu consultorio medico. Não sei porque, mas o que é facto é que o seu gabinete era pouco frequentado. Isso era o diabo! Não recebendo elle clientes, deixaria de ganhar a vida, e nessas condições, assim, sem «arame», como poderia pagar o aluguel do commodo que alugara, montado com tanta perfeição e decencia, em uma das melhores ruas da cidade?!

Um dia, reflectindo seriamente na situação em que se achava, resolveu modificar por completo a sua existencia. E então, fechou o escriptorio, pagou ao proprietario do predio os dias que lhe devia e desapareceu, dizendo que ia tratar de outro negocio.

E não mais se falou do Dr. Corneille.

.....
Tres annos depois, um dia, o commissariado do Districto, recebia uma queixa dos moradores de uma das suas circumscripções, o peor bairro da cidade, que accusavam desabridamente um pobre curandeiro que vivia ali ganhando *honestamente* a sua vida. O commissario indagou:

— Afinal, qual é o crime desse homem?

— Ai! seu commissario! esse homem é um terrivel feiticeiro — responderam os queixosos.

— O' diabo! assim!

— E' verdade, sim senhor. E' o diabo em corpo e alma.

— Que é que elle faz?

— Coisas do arco da velha. A vizinhança está atemorizada. Ninguem pôde chegar á janella.

— Porque?

— Por causa dos conflictos que se dão ali diariamente.

— Conflictos? mas como?...

— Da multidão que se ajunta á sua porta, questionando cada qual em ser o primeiro a entrar para a furna do feiticeiro.

— E vae tanta gente assim á casa desse excommungado?

— Um horror, seu commissario! Ha dias que ninguem pôde passar pelas immediações da tal casa de feiticearia.

— Mas, sendo assim, esse homem faz boas curas, pois é tão procurado...

— Qual cura, seu commissario; o que elle faz é feiticearia. Das 8 horas da manhã ás 7 da noite, a sua casa vive cheia. E na porta a gritaria é medonha, a espera cada um de sua vez.

— Algum dos senhores conhece esse homem?

— Não, senhor. Ninguem viu a sua cara ainda. Elle *trabalha* com uma mascara no rosto, de sorte que não lha quem possa vêr a sua physionomia.

— Entra-se facilmente nessa casa?

— Não, senhor. Para uma pessoa poder entrar é necessario possuir um cartão com a sua assignatura.

— E esse cartão é entregue a elle proprio?

— Não. E' a uma megéra desdentada que faz, ao mesmo tempo, o papel de porteiro e de continuo.

— Elle deve ganhar então muito dinheiro?

Ora! pudera não! Se elle é um refinadissimo gatuno! Dizem até que é um antigo «forçado», um facinora, um horrendo assassino evadido da prisão.

— Que!! Bem agora o caso é outro. Vou mandar prendel-o. Os senhores podem voltar socegados. Eu providenciarei já e já no sentido de capturar esse scelerado.

Na tarde desse mesmo dia, escoltado por duas praças, entrava na Delegacia o tal feiticeiro. A autoridade, ao vel-o, ordenou que elle se sentasse, e abrindo o livro de occorrencias, perguntou-lhe:

— O seu nome?

— Jean Corneille.

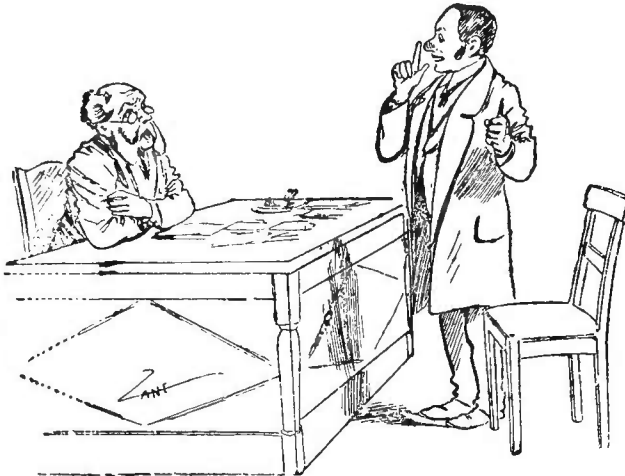
— Idade?

— 39 annos incompletos.

— Nacionalidade?

O Riso

— Franceza.
— Estado?
— Casado.
— Profissão?
— Actualmente a de curandeiro.
— Só, perguntou o commissario, você não é um criminoso evadido?
— Absolutamente, não. Nunca fui criminoso.
— Mas você pratica feitiçaria?
— Não, senhor. Apenas curo ás pessoas enfermas que me procuram.
— E você entende de medicina?
— Entendo um pouco.
— E porque não monta um consultorio legalizado? inquiriu o commissario ironicamente.
— Eu já tive consultorio, e aliás bem montado, mas não deu resultado; por isso appellei para a profissão de curandeiro, que é a mais pratica, a mais positiva e a mais rendosa.
— Mas você com as suas curas está promovendo desordens no bairro onde vive e isso é contra a lei.
— Pelo contrario. A lei não me pôde prohibir que eu exerça a profissão e muito menos vedar que o povo me procure em meu consultorio.
— E se eu mandar fechar a sua casa de feitiçaria?
— O senhor não pôde fazer isso?
— Porque?
— Porque a constituição do meu paiz garante ao medico o direito de abrir o seu consultorio seja em que ponto fôr do territorio, e eu, senhor commissario, disse o feitiçeiro, tirando do bolso um papel e apresentando-o a autoridade: sou medico, formado pela Escola de Medicina de Paris. Eis aqui o meu pergaminho.
O pobre commissario, coitado, ficou estupefacto apóz á leitura do documento e levantando-se curvou-se todo para o medico, dizendo-lhe:
— O! Doutor, queira desculpar-me. Eu não sabia que...
— Está claro. Se o senhor soubesse eu não teria sido chamado. Estou despachado, não é assim? Adeus.
— Passar bem, doutor, disse a autoridade.
Quando o medico sahíu, o commissario exclamou: — E essa! e voltando-se



Pois é o que eu te digo, meu caro: não ha *esfriamento* por mais chronico que seja .. que resista ao maravilhoso *Mucusan*. E' verdade que estou de pé, mas sobre esse ponto eu falo de cadeira..

para as duas praças que serviram de escolta ao pseudo feitiçeiro:

— Sabem quem é esse homem que vocês trouxeram?...

— Não é o tal feitiçeiro que o senhor ordenou que fossemos prendel-o?

— Não, senhor. Enganam-se redondamente. E' um medico authenticico. E' o Sr. Dr. João Corneille.

Florestan

Resposta á lelra

(Ao Alberto Ferreira)

Pergunto sinceramente
A quem seja «cavalheiro»,
Si é bonito, ou é decente,
Não ser leal companheiro?!

Todo aquelle que é prudente,
Dirá sempre prazenteiro:
E' mais que pulha, insolente,
E' perfeito bandoleiro!

Não merece que se dê...
Nem um aperto de mão,
Typo assim não tem mercê:

Vive sem educação.
Quer falar, não sabe o quê,...
Só dá provas de Villão!

F. d'Almeida.
(actor)

O PISO



FILMS... COLORIDOS



Afinal, a projectada *partida* da Sylvina Poste da Light, para Lisboa, não passou de um valente *bluff* com que *tapeou* o velho marchante, para este *morrer* com uns *arames* grossos, inclusive o da *passagem*, que de facto foi comprada para melhor *embrulhal-o*.

A verdade, porém, é que a *espertalhona* levou *sumiço* alguns dias, apenas para dar tempo a *despejar* o *fructo* de uns *acarneirados* amores...

— Disse-nos o Ary que a Julia Martins andou fazendo certos pedidos aos porteiros do Rio Branco, porém elles lhe responderam que não estavam acostumados a dar á lingua.

Quererá a Julia *emmagrecer*?

— Damos um doce a quem adivinhar qual é a actriz do S. José que só apparece em scena com ramilhetes de flores em determinadas sessões...

— Disse-nos o Natal Kiosqueiro que após a briga da Mercêdes com a Leonor Buscapé, o Brandão, só de mau, distribuiu-lhes respectivamente os papeis de «Sol» e «Lua», para obrigar-as a fazerem as pazes.

E ainda ha quem diga mal do Brandão!

— Segundo nos disse o Franklin, ha no S. José uma novel artista muito applicada á sua *arte*, tanto assim que frequenta com grande assiduidade a *escola dramatica* da Avenida Mem de Sá, cuja directora é a celebre Mme. Rosa.

Que camarada perverso, livra!

— Diz a Sylvina Poste da Light que não acceta convites para fazer refeições fóra de casa porque, pagando casa e comida, ha de comer e dormir em casa todo o dia, só para a dona da Pensão não enriquecer á sua custa.

Xentes! que mulher *economica*!...

— Graça á informação que nos prestou a Dolores do S. José, ficamos sabendo que o João Galhamães é um *negreiro* de muita força...

Mas isso será verdade ou é apenas uma vingança da Dolores?...

— Não sabemos si foi brincando ou a sério que o Natal Kiosqueiro nos disse estar agora a Julia Martins uma fervorosa devota de Baccho...

Si foi a sério, não queremos estar na pelle do Natal!...

— Contou-nos o Figueiredo que, ainda por causa da Celeste, o Asdrubal andou dansando de velho com uma *beleza*, acabando por escangalhal-a com um guarda-chuva.

Paixão é o diabo, hein, *seu* Asdrubal?

Disse-nos a Angelina 606 (ex-Lingua de Sogra) que a Palmyra Pilha Electrica, do S. Pedro, baixou muito de cotação depois que passou a praticar para *chauffeuse*...

Quando a Palmyra souber disso, vae haver *tourada* com certeza!

— Domingo ultimo, andava a Sylvina Poste da Light pelo prado do Jockey Club participando a toda gente que se havia installado á rua Silva Manoel n... (o numero não dizemos, cá por coizas).

Olhe, menina, essas *participações* fazem-se por meio de cartões; é mais distincto e menos escandaloso, percebeu?

— Diz a Leontina Carusa, do Rio Branco, que a Mercêdes Villa faz tamanha propaganda do seu cachorro, em scena, que até já se fazem commentarios a respeito...

Realmente, a Leontina tem razão.

Operador.



A mala

Luciano, smart, fogoso, escovadissimo, não perdia momentos. Fosse em que ponto fosse, na casa do rico ou do pobre, o seu coração estava sempre palpitante a cata de conquistas amorosas.

Não havia branca, morena, mulata ou negra que resistisse aos seus galanteios de rapaz do bom tom.

Até mesmo mulheres velhas ficavam prezas ao seu encanto. Era um turuna o Luciano.

Certa noite, em um baile, o nosso heroe ficou encantadissimo ante a belleza de dona Fifi, a filha do dono da casa.

Final de contas, solicitando a um amigo que lhe apresentasse ao mimoso «cravo» que lhe transformara o coração, o nosso dandy gosou a suprema ventura de beijar deliciosamente a mão de dona Fifi. Em seguida, pediu delicadamente:

—V. Ex. poderá conceder-me a honra de dansar esta valsa que a orchestra principiou?

—E ella respondeu: pois não, seu moço.

Depois Luciano entrou no «coração», e entrando tambem com o seu «jogo»—lá o delle—foi «avançando» na intimidade que a ingenua Fifi lhe concedera. Antes do chá, estando a sala vasia, o Luciano pediu o braço a dona Fifi e dirigiu-se para a janella. Ora, conversaram longamente, uma porção de coisas, das quaes a pobre moça nada entendera em virtude da sua simplicidade. Apesar disto, ella procurava corresponder do melhor modo que podia, ao cavalheiro que tão amavelmente tratava de agradal-a. Em um dado momento, o Luciano revirando os olhos e tomando uma pose dramatica, exclamou:

—Oh! minha senhora! Eu quero amai-a!

—D. Fifi respondeu:—Espere um pouco, e pedindo licença, caminhou em direcção a sala de jantar, e ahi, diante de todos os convidados, ella disse ao seu pae:

—Papae, seu Luciano quer a mala.

Ao que o velho respondeu sorrindo: Elle que venha buscal-a.

Sevetse.

Livros, cartões postaes, photographias, vistas da Grópa, etc...

RUA DO ROSARIO, 99

A. REIS & Comp.

→ RIO DE JANEIRO (←

Canção bohemia

Ao meu primo e amigo João de Oliveira

A vida é enganadora e triste e muito breve...
Este mundo é um crisol
Em que a vida se esvae, se perde como a neve
Que se derrete ao sol!

Se a existencia as-im é, porque então nós perdemos
O tempo a lamentar?
Nos braços da volupia a existencia levemos
A sorrir e a gosar!

O' poetas que cantae a amarga hypocondria,
A desventura e a dor,
Cantae antes o beijo, o d' boche, a alegria,
Cantae antes o amor!

O' filhos do Ideal, prosigamos sorrindo,
Assim que é o viver!
Vamos pela existencia afóra desterindo
A lyra do prazer!

Aproveitae o tempo, amantes venturosos,
A vida é o fruir.
De que servem a terra e o céu sem os gosos?
Eia a gosar e a rir!

A vida é breve e má. Gosemol-a portanto
Como loucos foliões.
Sonhadores, seccae o vosso amargo pranto,
Exultae, corações!

De que vale se estar immerso numa tristura,
A soltar ternos ais?
Se nos esperam logo a morte e a sepultura,
O nada, o nunca mais?!

Urezimbo Anhaia.

S. Paulo.



—O Franco Rabello está se armando.

—Não ha homem mais estimado no Ceará.



Mala d' "O Riso"

Odilon M. de Mello — Recebemos seu estupendo soneto «Limpida». E' tão bom que não temos logar especial no jornal para pol-o, nem mesmo póde figurar no «Pantheon dos Immorriveis». Si a senhora D. . . , a quem foi dedicado, o lesse, faria pessimo juizo do seu *formidavel talento*.

Versos assim não se fazem, nem p'ra burro.

R. Gomes — Canto sem palavras, segundo a opinião de C. Lago, quer dizer: *bolinar por baixo da mesa*.

A. Ghira (actor)—Para o «Pantheon», meu caro *humorista*, entra-se só uma vez. Essa coisa de entrar-se duas e tres vezes é no... da Joanna.

Cerqueira—Não podemos publicar as peças do Sr. Ferreira d'Almeida. O jornal não comporta.



Museu de raridades

As revistas do Assombro
...o bigóde da Marietta, do Pavilhão
...o monoculo do Couto Censor
...a viagem da Sylvina
...o vestido azul e branco da Rosa
Bocca de Sopa.
...o *chauffeur* da Palmyra
...o *cachorrão* da Dolores
...o «Chile» do Domingos Braga
...o espirito do Olympio Nogueira
...os dentes do Pedroso
...as unhas do Rosas Dente de Ouro

Não conhecem os senhores o *Mata-Borrão*? E' um rapaz gordo, jovial e possuidor de um vocabulario pittoresco que já fez um grande successo nas rodas bohemias.

Mata-Borrão fala sempre em atrelado aos varaes disso, ao varaes daquillo. Elle não dirá: *estou sem dinheiro*, mas: *estou atrellado aos varaes da miseria*.

Além de phrases como esta elle tem outras magnificas e ineditas; mas, não convêm por hora, esgotar o assumpto.

Queremos, entretanto, contar episodios de sua curiosa viagem á Europa, porque o *Mata* como toda a gente que se preza e tem algum dinheiro, já foi á Europa.

Elle é artista decorador a quem o Sr. Furtado das Matas, Pesca, Caça, Embandiramentos e Engrossamentos faz uma concorrência desleal.

Pois bem, *Mata-Borrão* na Europa fez propaganda da nossa lingua.

Elle entrava nas lojas e pedia:

— Sapatos.

Isto no melhor portuguez. O caixeiro trazia collarinhos e elle gritava:

— Sapatos.

O empregado trazia gravatas, elle continuava:

— Sapatos.

Afinal o homem tinha que entender e aprendia uma palavra da nossa lingua.

E' ou não do melhor methodo Berlitz?



Admiramo-nos como o Roberto se damnou com o Guanabario. O Roberto deve estar vaccinado contra a raiva.

O CHAMISCO

ou

O QUERIDO DAS MULHERES

O nec plus ultra da literatura brejeira. Desopilante historia de um conquistador irresistivel. Este bello livrinho contem cinco nitidas gravuras.

PREÇO 1\$500—o—PELO CORREIO 2\$000

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3803—o—RIO DE JANEIRO



JOCOLOGIA POLITICA

Ainda que o presente assumpto em nada se pareça em termos com a *quadra-tura do circulo*, assumpto que prometti explorar, vereis afinal nas conclusões dos meus assertos, que as linhas com que se cosem elles, quadram-se admiravelmente no circulo de idéas que os definem, tanto mais, quando diz a velha sentença: «o direito se escreve por linhas tortas».

Jocologia ou estudo da troça é bem o termo que se ajusta a politica dos nossos tempos, sabida como as crianças de agora, vadia e gaiteira como as beatas de convento. A sã politica que alguem proclamou como sendo filha da moral e da razão, morreu ao nascer e a desolação que deixou a seus paes, tirou-os da gravidade em que se tinham conjugalmente, para collocar-os em *estado interessante*... isto é, critico, porque, sem aquelle laço que os fazia um só, fizeram-se dois... «como direi?!»... *pandegos*.

Mas a *pandega* por ser filha de paes incognitos, não deixa de reconhecer os principios de humanidade, como o «crescei e multiplicaes-vos», e um dia talvez compenetrada das coisas graves, sentiu-se respeitavel — nascera-lhe uma filha, tão parecida com a mãe (silencio!) que até os seus habitos tinha herdado; e d'ahi, crescida que foi, tornou-se a cubiça de quantos a viam nos ermos e adjacencias.

Era preciso emancipal-a, tornal-a livre como os ventres desembaraçados, fazel-a soberana da *canalhocracia*, regimen em que já se houvera distinguido um dos seus mais nobres ascendentes no reinado de *Asneiródia*.

Já está á venda

O CHAMISCO
ou
O querido das mulheres

Preço 1\$500

Pelo correio 2\$000

O Riso

O delirio de acclantial-a casava-se ao delirio da sua imaginação hysterica e impulsiva e a sua doença era o perfeito estado de sanidade que convinha á situação: governar é como que ouvir as estrellas e ainda que aos milhares, ha momentos em que as contamos, quando temos na mão... o governo ou coisa respeitavel; e ninguém resiste á sensação, affirmo por experiencia propria...

A obra da Natureza é sempre perfeita; e nós que a temos exuberante e riquissima devemos-lheesse favor: —osfactos aqui, de quaesquer ordens, accomodam-se familiarmente e por isso que a nossa hospitalidade é já tão decantada importamos e supportamos tudo—desde a laxante e recreativa *banda al lema* até á harmonia dos poderes nas decisões pittorescas; somos, enfim um povo divertido e povo assim não se governa com severidade.

Demais, como a Biblia, não devemos tomar tudo (salvo seja) ao pé da letra; a Constituição, que é assim uma especie de *Chernovis*, nos quaes se encontram todos as fórmulas, é apenas um auxiliar dos *menos... preparados*, e a lei si é dura por ser filha da reflexão, torna-se flexivel nas mãos dos que a sabem manejar e tanto assim, que ella termina sempre por aquella memoravel phrase: «revogam-se as disposições em contrario», mal interpretada por aquelle almirante que affrontando uma *insolencia* quasi morre de *insolação*...

Nada de censuras, pois, ao governo que, desposando legitimamente a filha unica de mulher viuva, erra, mas faz rir — e o riso tonifica, corrobora e... burrifica.

A politica tem tambem o seu mechanismo e embora complicado e gasto vae prestando relevantes serviços á patria adaptada á caixa de musica do Congresso ao som da qual *tout le monde danse*... até o diabo dizer... *Arrive!!!*

Ruy Barbo

Maison Moderne



M.me. Y — «Trio Lyola»

ALBUM I SÉRIE

Linda e deslumbrante collecção de oito vistas dos mais bellos paizes da Conchinchina

PREÇO :600 —o— PELO CORREIO 1\$000

Pedidos a A. REIS & C.—R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3933 —o— RIO DE JANEIRO



«Cachorro»

Anthero de Gouveia, um portuguez, Tinha paixões, devéras divinaes. Amava, por exemplo, os animaes Aos quaes dava um carinho assás cortez.

Dos cães o seu Gouveia era um freguez, Dava-lhes preferéncia aos outros mais. «São hellos, carinhosos e leaes» — Dizia elle a uma dama certa vez.

Por um animalzinho tão amigo, Leguas inteiras, ando salto e corro Para salvá-o de qualquer perigo.

Gostosamente até por elle morro E assim, madama, alegremente digo : —Que a minha paixão é só por um «cachorro.»

J. DOENTE.

O sensacional romance de actualidades

Acha-se á venda: ENTRA, SINHOR!...

Preço: 1\$500 * Pelo correio 2\$000

Pedidos a A. REIS & C.— Rosario, 99

O Riso.

Appetites...

A linda Belmira, era filha de um casal de portuguezes que, embora apparentassem modestia e simplicidade, a verdade é que eram até muitissimo orgulhosos e gostavam do luxo como nenhuns outros. Mostravam-se, é verdade, simples e modestos, mas sómente em casa; na rua, eram, por assim dizer, uns perfeitos burguezes, porém, como quasi nunca sahiam — a passeio, claro — quem os visse e se dispuzesse a observar de perto aquella fingida simplicidade, julgaria com certeza que estava ali o casal mais santo do mundo, a modestia e a simplicidade personificadas.

Belmira tinha dezsete annos e estava em tudo muitissimo longe de ser comparada aos seus progenitores. Gostava de vestir bem e, muito vaidosa, mesmo em casa dava-se ares de quem tinha plena convicção de que era alguém na ordem das coisas; era amiga de fazer-se notada, ainda mesmo que tivesse a certeza de que, as mais das vezes isso muito pouco ou de nada mesmo lhe valia; numa palavra: nada tinha de simples, nem de modesta, antes muito leviana e frivola, por consequencia incapaz de amar com sinceridade a quem quer que fosse. Ninguém diria, ao vel-a assim, que ali estava uma donzella e com dezsete annos apenas.

Direi mesmo e estou certissimo de que, se algum estranho mais entendido do mundo, tivesse occasião de vel-a n'uma reunião intima, immediatamente a qualificaria de *cocotte*, e nem sequer me atrevo a duvidar de que como tal lhe lançasse as vistas, seguindo-lhe os passos e mettendo-se incontinenti a conquistá-la.

Era um engano, bem se vê, mas se muitas vezes a vaidade soffre seus castigos e nos faz passar por certas decepções, a culpa só pôde ser attribuida a nós mesmos que nem por sombras queremos acreditar que essa qualidade, embora podendo ser largamente sustentada, é e ha de sempre ser prejudicial a quem quer que seja.

Todavia, a nossa heroína, apesar de toda a sua leviandade e frivolidade, sempre conseguiu que alguém se apaixonasse por ella, e, a contento geral de quantos a conheciam, tres mezes depois estava casada.

Naturalmente bella, era justo que assim succedesse; a sorte, porém, é que não quiz manter-se á regra, combinando as coisas de forma a condizerem com a linha do seu temperamento de creança voluvel. Deu-lhe um marido novo, insinuante e bello, mas saciado, farto já dos prazeres sensuaes.

O primeiro mez de casados foi um delirio para ambos, uma verdadeira e invejavel lua de mel. Os dois *gosavam*, por

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA

FATIMA
EGYPCIOS

CIGARROS
MARCA VEADO

N.º 2 PONTA DOURADA

* * Luxuozamente preparados para o Bello Sexo * *

O Piso

assim dizer, á farta; mas depois a coisa esfriou, o marido deixou de ser tão assíduo, isto é, deixou de proporcionar á esposa os prazeres do thalamo tão consecutivamente como a principio. Não era porque elle não pudesse, mas, porque decididamente não queria—estava farto.

Começou, pois, para a linda Belmira uma serie de constantes infelicidades. Verdadeiramente infelicidades não eram; mas se ella propria era a primeira a considerar-se infeliz, porque razão havemos de dizer o contrario? E a verdade é que o marido dia a dia ia se tornando menos constante, chegando mesmo a deixar passar oito e mais dias sem lhe dar um beijo. Portanto, se não eram ainda infelicidades, pelo menos pôde se dizer que lam já caminhando para esse fim.

Um dia, porém, as coisas mudaram! Faziam já quinze dias que Belmira não recebia uma caricia do marido e, por essa razão, começou a mostrar-se triste e a chorar de quando em quando, mas, sem contudo se manifestar.

Notou isso o esposo e foi o quanto bastou para, como homem experimentado, comprehender tudo. Analysando então a sua consciencia, viu que realmente estava sendo demasiadamente ingrato.

Pois se elle podia proporcionar-lhe os prazeres, porque se esquivar então?

Sentiu os remorsos começarem a roer-lhe na consciencia; teve mesmo impetos de ir ter com ella, atirar-se-lhe aos pés e pedir-lhe perdão de tão cruel procedimento, mas considerando que isso seria demasiadamente grave, porque certamente iria tornal-a um pouquinho ainda mais vaidosa, tomou a deliberação de esperar a noite para então agir.

Effectivamente assim fez.

Muito cedo ainda, por volta das oito horas, Belmira deu-lhe as boas-noites costumadas e foi-se deitar. Dali a pouco foi elle tambem; Belmira, porém, talvez fatigada, havia adormecido já. Não se importou com isso. Rapido, despiu-se e após, curvando-se sobre o leito depoz, muito de mansinho, nos labios rubros de sua linda esposa um beijo terno, profundamente lubrico. Esta acordou com um grito, mas, vendo o marido, uão poude conter uma exclamação de espanto:

—Oh! pois tu...

—Que queres, filhinha — balbuciu elle deitando-se e cobrindo-a de beijos deliciosos—São appetites... Deu-me hoje para regenerar-me, então que queres...

E continuou a beijal-a freneticamente, como um louco.



Uma semana depois, a linda Belmira estava completamente mudada. Já não chorava, antes muito contente e satisfeita, considerava-se a mais venturosa de todas as mulheres.

E' que o marido se regenerara effectivamente. Voltára a ser para ella o que havia sido no primeiro mez de casado, isto é, voltára a ser para ella um insaciavel em materia de amor.

JOSÉ ANTONIO



—Porque razão o Mauricio de Lacerda acha que o Exercito deve ser superior ás milicias estadoaes?

—Porque? Porque quer que continue a politica de «salvação.»



ENTRA, SINHÓR !..

Sensacional romance humoristico. Narrativa de episodios interessantes, passados na alcova de uma harizontal.

Bellissimas photographias ornarn este hilarian-te romance.

PREÇO 1\$500 —o— PELO CORTEIO 2\$000

Pedidos a A. REIS & C. —R. DO ROSARIO. 99

Telep' 3803 —o— RIO DE JANEIRO

O PISO

BASTIDORES



Disse-nos o José Alves Sandwich que a rescisão do *contracto* firmado entre *seu* Gouveia e a Celestina do Pavilhão, resultou na celebração das *pazes* desta com o seu homonymo, que por signal não estava zangado coisa alguma, pelo contrario, estava até muito contente, porque a tal zanga foi apenas para inglez ver...

Não fosse o José Alves, nosso amigo, e continuaríamos a ignorar a verdade dos factos...

—Tanto batalhou o Leonardo Homem de Estudo, até que conseguiu fazer com que a Luiza Cegueta Caldas tornasse a tornar ao maestro Luz.

Aquillo é que é ter tacto diplomático !...

—Que diabo iria fazer a Marietta do Pavilhão á casa da *tia* Marocas, um dia destes ?

Si o Le Bargy sabe disso...

—Garantiram-nos que a Guilhermina Japoneza já está farta dos «gramophones» e mudou os *passos* para outra banda...

Andará agora mais de automovel ?...

—Não consta que a Dolores Faceira tivesse *desmanchado* mais alguma coisa pelo Pavilhão...

—Sempre queremos ver o que diz a *mamã* Herminia, quando souber do pé d'alferes que á Laura Duval anda a fazer o Lagos Cupidinho de Sebo...

Cuidado, *seu* Lagos ! paixão de velha é o diabo !

—Disse-nos o Raul Soares que a Zazá está muito triste porque não tem na nova revista outra valsa de successo como a do *Pito illuminado*...

—Sem que lh'o perguntássemos, disse-nos o Alberto Ferreira que sua collega Cordalia tinha feito as *pazes* com o preferido.

Ficamos na mesma, porque não sabemos com qual delles é...

—Então, *seu* Leonardo, a «via diplomatica» desta vez foi mesmo o telephone, hein ?

Você sempre nos sahuiu um alho !...

—Estamos aqui, estamos a ver o Vasco Parasita do Pavilhão gramar umas *bolachas* da Maria Cavcira !

Tambem, para que ha de o gajo andar a dizer que a rapariga costuma trazer as *patacas* na fralda da camisa ?...

—Para celebrar as *pazes* e a rescisão do *contracto*... o *casal* Celestino foi comemorar o acontecimento numa lauta ceia, no «Viroscas».

Si mentimos, a culpa é do Leonardo...

—Mal sabe o *talzinho* da Lucilia Pose Esbelta que aquella zanga de ha dias foi propositalmente arranjada para melhor poder passar-lhe as palhetas...

Que o diga a Mère Louise...

E' para admirar que a Maria Amelia Reis, tendo advogado *de borla*, não quizesse processar a Zazá pelas *castanhas* que esta lhe deu...

—Informam-nos que o José Alves pretende partir para Lisboa a 30, levando consigo uma boa porção de *Mucusan* para o que der e vier...

A Assumpção é que está desesperada por isso e chora como um bezerro desmammado !...

—Mal comparando, os dedos de ambas as mãos da actriz V. Santos parecem uma montra d'ourivesaria, tantos são os aneis com brilhantes que traz.

Pelos modos, o *contracto* ainda rendeu alguma coisa...

—Que diabo iria fazer a Julia Gaivota d'Oliveira, á Maxambomba, após haver brigado com o Camillo Loterico ?

O tal pretexto de ir servir de testemunha num jury é que não péga nem com grude...

—Mas terá mesmo o maestro Luz tornado a banhar-se em *caldas* ?

A ser verdade, o Leonardo não podia dar maior prova de ser seu inimigo !

—Diz o Mario Brandão que o seu collega Lino dos Typos anda a chateal-o todas as noites, a dizer que é muito leve no papel de *Foot-ball*.

Deve ser isso : com aquella barriga de «chefe de familia» ha de ser mesmo muito leve...

Formigão.



Au Bijou de la Mode — Grande depósito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.



SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO V

— Está decidido, querida. Partirei amanhã de manhã, e voltarei com certeza no dia seguinte antes do almoço.

Depois de ter tomado nota de tudo que ella desejava, parti.

Apenas me encontrei em Paris, fui á sua casa, dei as ordens á criada de quarto, que preparou a mala enquanto eu tratava das outras commissões e, á noite, seriam cinco horas, a mala estava cheia de vestidos simples e de pequenos embrulhos de todas as especies.

Enquanto jantava num restaurant proximo, pedi o guia dos caminhos de ferro, para me informar da hora exacta do comboio, que devia tomar no dia seguinte. Partia um de noite, ás oito horas e meia. Fiquei devéras contente.

Acabei de jantar á pressa, saltei para um trem levando commigo a mala, e cheguei á estação d'Orleans á hora precisa da partida.

Dormi até Tours. O dia fôra fatigante, e não pude furtar-me ao desejo de descansar um pouco.

A's duas horas da manhã estava em Montrichard..

Sentia-me realmente feliz de encontrar adormecida a minha querida Marcella. Approximar-me-ia, de mansinho, beijar-lhe-ia os labios semi-cerrados, e a minha amante havia de considerar-se feliz, sem duvida, pela deligencia que empregara para ir ter com ella o mais cedo possivel.

No hotel, todos dormiam, e tive um trabalho insano para que me abrissem a porta.

Foi a patrôa que me recebeu.

Pareceu-me ver-lhe o rosto assustado, inquieto, attonito. Atribuí ao facto de ter despertado bruscamente e subi ao quarto.

Todo entregue ao pensamento da surpresa que ia causar a Marcella, e para não a despertar, caminhei sem fazer ruido. Abri a porta. A lamparina estava accesa.

No leito, collocado a um canto do quarto, immoveis, dormiam Marcella e um homem.

Conservei-me horrivelmente quieto, E ainda que não tivesse até ali a minima suspeita, não me surpreendeu o espectáculo.

Murmurei, entre dentes :

— Ah! está porque me impôz esta viagem a Paris. E, passado um segundo, accrescentei :

— Ah! está porque a dona do hotel se mostrou tão assombrada ao ver-me. Sabia a verdade. Só os amantes enganados ignoram o que lhes succede.

Que fazer ?

Ou deitar-me, socegradamente, sem ao menos os acordar, ou então, brandindo a minha bengala, bater-lhes como se fossem caes. Quem seria aquelle homem ?

Não podia ver-lhe o rosto, porque os cabellos de Marcella, soltos, estendiam-se sobre a cabeça do amante e cobriam-n'a como um véu maravilhoso.

A razão foi mais forte. Pude reflectir e convencer-me que nada mais podia ter de commum com essa odiosa creatura, e naquelle momento tive a certeza de que já não a amava.

Sem os despertar, sahi do seu quarto, entrei no meu, e alirei-me sobre a cama sem ter coragem para me despir. Tentei dormir, foi-me impossivel.

Não me alongarei sobre as minhas angustias, mas soffri cruelmente. Por felicidade, a noite não devia prolongar-se muito, e empreguei as horas de insomnia a philosophar, como um sabio, sobre a extraordinaria fraqueza e a incrível patifaria de certas mulheres.

Quando, de manhã, procedia á minha *toilette*, vi, com assombro, que os meus cabellos se havia tornado grisalhos. Alguns tinham embranquecido.

— Ah !— exclantei ! Cabe los brancos!

(*Continúa.*)

BROMIL



A SAÚDE DA MULHER



O Bromil

é o grande remédio para as molestias do peito, **MAIS DE 400 MEDICOS** atestam a sua prodigiosa efficacia nas bronchites, na roquidão, coqueluche, asthma e tosse.

O Bromil é o melhor calmante expectorante

A Saúde da zzz Mulher zzz

é o regulador do utero: facilita as regras, atenúa as colicas, combate as hemorragias, allivia as dôres rheumaticas e os incommodos da idade critica.